



Edição nº 30 – 2º semestre de 2020

Artigo recebido até 15/06/2020

Artigo aprovado até 20/07/2020

## A POSIÇÃO SUJEITO

Francisco Grisai Leite da Rosa<sup>1</sup>  
Silvane Aparecida de Freitas<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo toma por objeto o discurso segundo Michel Foucault e a relação de poder que este estabelece entre o enunciador e o público que irá receber este determinado discurso. Quando Foucault se coloca como analista da posição do sujeito, pressupõe o sujeito em posição de poder para enunciar sobre determinado assunto. Este será o princípio explorado para compreender a teoria foucautiana sobre a posição que o sujeito ocupa dentro da sociedade e a autoridade que este possui para defender determinado assunto. Como componente empoderado para tal enunciador, Foucault defende sua autonomia ou não para se colocar em determinada posição.

**Palavras-chave:** Relações de poder. Posição do Sujeito. Discurso de poder.

### Introdução

Ao tomar por base Michel Foucault para observar o discurso, assume-se imediatamente que este será em torno da relação de poder entre os indivíduos de uma sociedade e a consciência coletiva desta, percebendo que o enunciador deve ser reconhecido pela posição que ocupa dentro desta sociedade.

A posição do sujeito está relacionada a vários fatores, como por exemplo, escolaridade, faixa etária, grupo social, classe social, ideologias. Todos os fatores estão presentes dentro da sociedade e irão formar o sujeito enquanto ser social, ou seja, todas as

---

<sup>1</sup> E-mail: fgprocurador@gmail.com. Mestrando pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

<sup>2</sup> E-mail: silvane@uems.br. Orientador de mestrado pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).



**Edição nº 30 – 2º semestre de 2020**

**Artigo recebido até 15/06/2020**

**Artigo aprovado até 20/07/2020**

suas tradições, crenças e conhecimento o tornarão parte do meio em que vive e do qual enunciará seu discurso, devendo respeitar sua posição para fortalecer a ideologia defendida.

A construção do sujeito será explorada por Foucault como fundamental para que seu discurso seja de maior ou menor efeito, e se o desejo é compreender qual o poder que este sujeito exerce perante a sociedade, é necessário a busca pela origem de sua formação enquanto enunciador.

Foucault irá preparar um compilado de relações necessárias para atribuição de poder ao discurso do sujeito, e segundo ele, teremos o estabelecimento de relação entre o sujeito e a sociedade ou grupo para o qual irá pronunciar seu discurso.

### **Apresentação de teorias**

O sujeito que se apresenta através de seu discurso diante da sociedade pode ser concebido enquanto ser produzido socialmente e produzido a partir da realidade em que está alocado, seu lócus enunciativo. Ao tomarmos o discurso como objeto de análise na literatura de Michel Foucault, o teremos como um produto do meio. Da mesma forma, seu discurso deverá ser coerente com o meio em que é produzido, uma vez que o lócus permitirá que seja válido diante da comunidade que o recebe.

Segundo a teoria foucaultiana da posição do sujeito dentro do discurso, o enunciador não pode ser visto aleatoriamente, mas como um superador de si e do meio, um formador e transformador que se concebe como personagem ou ator daquele determinado meio do qual produz o discurso pronunciado:



Para se conduzir bem, para praticar adequadamente a liberdade, era preciso ocupar-se de si mesmo, cuidar de si, ao mesmo tempo para se conhecer \_\_ eis o aspecto familiar do gnôthi seauton\_\_ e para se formar, superar-se a si mesmo, para dominar em si os apetites que poderiam arrebatá-lo. (FOUCAULT, 1983, p. 268)

Sendo assim, e complementando este pensamento foucaultiano, o sujeito é submetido às regras e acordos sociais preexistentes, apenas sendo inserido no meio e se adequando àquilo que está posto como construção tradicional da sua sociedade. O contrato social permite que o sujeito seja reconhecido pelo meio, ou seja, ele possui autoridade para falar, discursar sobre determinado assunto uma vez que é formado por esse meio para assumir a responsabilidade pelo que é dito.

Podemos abordar o seguinte trecho, onde Foucault exprime sua percepção do sujeito social como fruto do meio e parte de uma engrenagem que pode ser avaliada a partir do ponto de vista particular como o melhor possível ou como passível de transformações coletivas e individuais:

[...] designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta, pela qual obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição, pela qual respeitam ou negligenciam um conjunto de valores; o estudo desse aspecto da moral deve determinar de que modo, e com que margem de variação ou de transgressão, os indivíduos ou grupos se conduzem em referência a um sistema prescritivo, que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles tem consciência mais ou menos clara.” (FOUCAULT, 1983, p. 211)

Se aceitarmos que a cultura tradicionalmente posta na sociedade é, portanto, a responsável pela concepção do sujeito e sua formação, teremos a necessidade de compreender seu discurso a partir do que está previsto no acordo social que é aceito e ao qual a consciência individual assimila como verdade.



## O sujeito

O sujeito social é construído e constituído, segundo a percepção de Foucault. Se assim é, seu discurso tende a uma verdade que está assimilada na sociedade à qual pertence e da qual fala. Além de seu discurso como cidadão, algumas vertentes o levarão a ser enunciador de outros discursos também previamente acordados dentro da sociedade. Para Foucault, os discursos são armas de dominação utilizadas pelo sujeito para seu desenvolvimento dentro da sociedade.

Segundo Foucault, algumas instituições estão ligadas diretamente às estruturas que ditam os acordos sociais, sendo que o sujeito é apenas instrumento de efeito, não causador – ou enunciador ativo – do discurso que propaga: “É certamente nesse campo da obrigação de verdade que é possível se deslocar, de uma maneira ou de outra, algumas vezes contra os efeitos de dominação que podem estar ligados às estruturas de verdade ou às instituições encarregadas de verdade.” (FOUCAULT, 1983, p. 280).

Para o autor, as relações de poder se estabelecem dentro deste acordo social por ter justamente esse acordo, ou seja, se o outro aceita o discurso de dominação, então estabelece-se a estrutura que é encontrada como dominador-dominado. Sem tal relação, não existiriam discursos em que o poder pudesse ser propagado e, conseqüentemente, não haveria como causar os efeitos desejados.

Esmiuçando a causa-conseqüência para o autor, este estabelece que para a dominação se efetivar, e aceitando que haja um dominador, outro deve aceitar a dominação, ou seja, o objetivo do dominador somente é alcançado quando há um dominado que se sujeita à sua vontade.



Além deste quesito, Foucault é mais incisivo ao estabelecer a contrapartida: todo poder é passível de resistência, ainda que esta seja radical perante a sociedade. Segue o que o autor propõe:

[...] um poder só pode se exercer sobre o outro na medida em que ainda reste a este último a possibilidade de se matar, de pular pela janela ou de matar o outro. Isso significa que nas relações de poder há necessariamente a possibilidade de resistência, pois se não houvesse possibilidade de resistência – de resistência violenta, de fuga, de subterfúgios, de estratégias que invertam a situação –, não haveria de forma alguma relações de poder. (FOUCAULT, 1987, p. 277)

Em outras palavras, é o acordo social que estabelece o que é aceito ou não pela tradição de determinada sociedade. E ainda além, não é possível uma resistência a esse acordo de maneira suave e inexpressiva. Quando o caos se estabelece, as transformações acontecem.

Ao afirmar que a resistência violenta interrompe a ação de poder do dominador, assume-se que não há perante as cláusulas do contrato social a aceitação da situação imposta e, portanto, é preciso que novas formas sejam definidas para que se estabeleça coerência entre dominador e dominado.

### **A linguagem do sujeito**

A percepção do sujeito social nos remete ao discurso propriamente dito. A linguagem é colocada como algo “que se impõe do exterior aos indivíduos, que ela guia,



**Edição nº 30 – 2º semestre de 2020**

**Artigo recebido até 15/06/2020**

**Artigo aprovado até 20/07/2020**

quer eles queiram quer não, no sentido das noções concretas ou abstratas, exatas ou pouco fundamentais” (FOUCAULT, 1967, p. 122).

O poder é facultado a certas posições sociais, o enunciador terá este ou aquele peso diante da sociedade de acordo com a posição que ocupa. Se a sociedade, por exemplo, prevê que a mulher está socialmente à margem no discurso, não importa qual a força de seu discurso, este não será validado como produtor ou indutor de opiniões, ou ainda, não será visto com cunho de dominação ou manipulação. O discurso da mulher será posto à margem devido à posição que a mulher ocupa dentro dessa sociedade.

Também as posições do sujeito são produtos da sociedade, sua cultura, sua tradição e toda a estrutura estabelecida. A respeito disso, o autor prevê que “O cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência [...] é o fundamento a partir do qual se justifica o “imperativo do conhece-te a ti mesmo.” (FOUCAULT, 1996, p. 11), e o que chama de “cuidado de si” e “autoconhecimento” é a consciência que o sujeito adquire de si perante a sociedade e o que pode ser feito a partir dessa consciência para que se torne um enunciador de discursos de poder que provoquem efeitos na sociedade.

É preciso observar que, para Foucault, o sujeito é “feito de partido, o pertencimento a um grupo, a uma escola, [...] tudo nos remete às condições de formação do sujeito [...] pensadas, porém, em termos sociais” (FOUCAULT, 1996, p. 40). Se há consideração e respeito aos contratos sociais e estes possuem propensão à subversão, então é possível que o sujeito se molde para que exista, conscientemente, o discurso que leve enunciação de poder.

Vejamos: “O sexo é açambarcado e como que encurralado por um discurso que pretende não lhe permitir obscuridade nem sossego” (FOUCAULT, 1985, p. 24). Neste parecer do autor que veremos como exemplificação, temos a sexualidade – amplamente



Edição nº 30 – 2º semestre de 2020

Artigo recebido até 15/06/2020

Artigo aprovado até 20/07/2020

discutida por Foucault em outras obras – como parte do discurso religioso. O poder do enunciador está posto e, socialmente, é aceito como verdade.

Conceber um discurso que infere em deixar a individualidade para absorvê-lo da exterioridade, da competência social para o interior do sujeito, é uma tomada de decisão. Em outras palavras, o dominado, que no caso do sexo é a comunidade seguidora de determinada ordem religiosa, aceita o dominador, a instituição eclesiástica, como dominadora e com poder de ditar as formas como tal assunto deverá ser percebido por seus seguidores.

Não há vertente de poder que possa agir sobre aqueles que não o aceitem. Não poderia se estabelecer uma relação de dominador e dominado se o dominado assim não permitisse. Foucault é muito cuidadoso ao eleger o sujeito capacitado para exercer o poder, pois independe de suas intenções quanto ao manejo de tal poder, mas sim, da sua posição social para requerê-lo para si.

Para Foucault, as relações de poder estão presentes em todo discurso social como algo intrínseco, sendo o dominador aquele que ocupa, portanto, a posição à qual o poder é inerente. A posição do sujeito determinará a validação de seu discurso perante a sociedade em que está inserido.

### **Considerações finais**

O discurso é, segundo o exposto e seguindo a linha foucaultiana, a ferramenta utilizada para que o poder se exerça dentro da sociedade. De tal maneira é a força que este possui que mesmo questões individuais são introduzidas e tornadas parte da tradição, além de incorporadas ao acordo social de forma incontestável.



Como vimos, a questão de ter a verdade institucionalizada é parte da cultura e do contrato social de determinada sociedade. A institucionalização é utilizada como forma de dominação incisiva e incontestável. Foram necessárias reformas de dentro para fora da instituição eclesial para que houvesse uma abertura e um novo discurso de formas a partir daí.

Aceitar a dominação é também uma consolidação pelo contrato social, haja vista que o sujeito que domina possui a aprovação da sociedade para assumir tal posição, bem como toda a sua conformação constituinte o institui como capacitado para efetivar o objetivo desejado, ou seja, dominar.

Seguindo essa linha de raciocínio, o sujeito deve, necessariamente, estar posicionado de acordo com o poder que deseja manejar. Sua manipulação somente terá efeito a partir de sua posição dentro da sociedade. Segundo o autor, “diversos status, nos diversos lugares, nas diversas posições que o sujeito pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala.” (FOUCAULT, 1987, p. 61).

Para que a sociedade assimile o discurso, a necessidade do enunciador ser reconhecido por ela é preeminente. O autor atribui o seguinte: “O sujeito sempre fala de um determinado lugar social, o qual é afetado por diferentes relações de poder, e isso é constitutivo do seu discurso. Então, é pela prática discursiva que se estabiliza um determinado lugar social/empírico.” (FOUCAULT, 1995, p. 196).

E ainda segundo Foucault, o discurso é sempre o veículo de uma teoria, ou seja, uma ideologia que se deseja propagar, porém, para ele, é preciso que exista quem a aceite para que realmente exista na sociedade:

Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo





Edição nº 30 – 2º semestre de 2020

Artigo recebido até 15/06/2020

Artigo aprovado até 20/07/2020

próprio teórico que deixa então de ser teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou. (FOUCAULT, 1967. p, 71).

Em vista do que Foucault prevê quanto ao discurso, às relações de poder e o sujeito enunciador, temos o que podemos chamar de acordo social, aquilo que está posto na sociedade é válido tradicionalmente até que seja questionado por um sujeito reconhecido por sua posição dentro desta mesma sociedade. Todo discurso encerra poder, porém, para que exerça-o, o grupo ao qual se dirige deve aceitá-lo, tendo como referência o sujeito do discurso e sua posição socialmente constituída.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. *A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade*. In op. cit. Vol V. 1984.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

\_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas*. Lisboa: Portugaláia, 1967.



**Edição nº 30 – 2º semestre de 2020**

**Artigo recebido até 15/06/2020**

**Artigo aprovado até 20/07/2020**

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. v. 1.

\_\_\_\_\_. *O sujeito e o poder*. In: RABINOV, Paul; DREYFUS, Hubert. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.